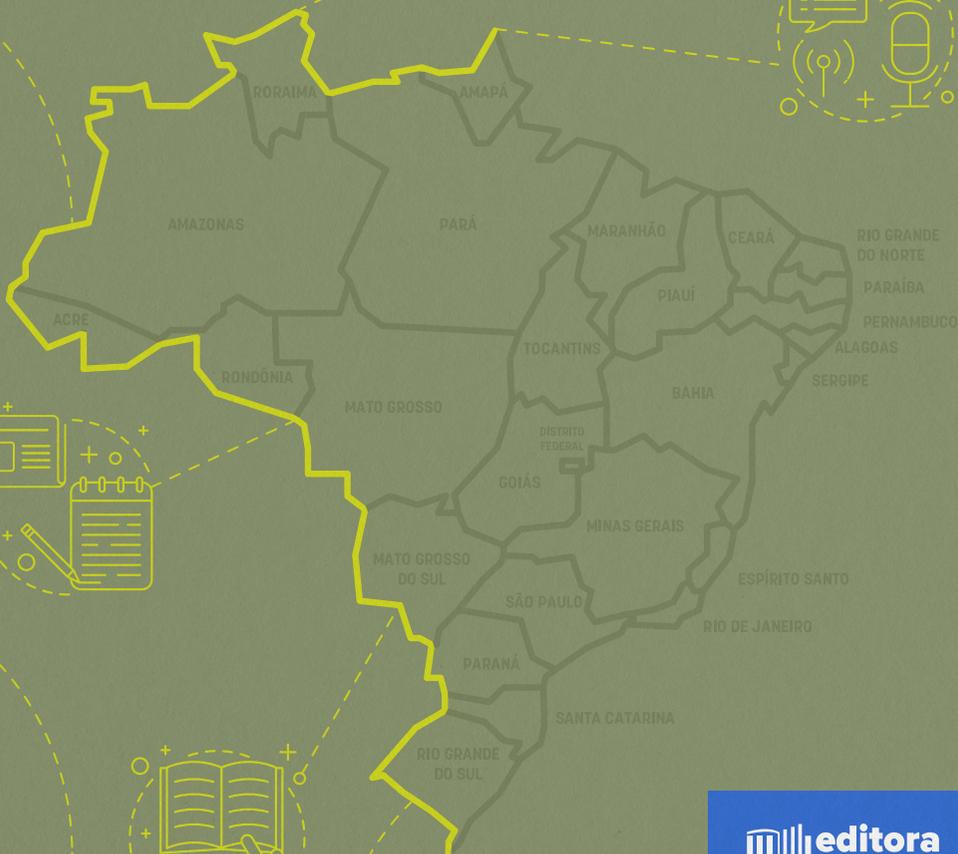


ORGANIZADORES
Daniela Cristiane Ota
Marcos Paulo da Silva

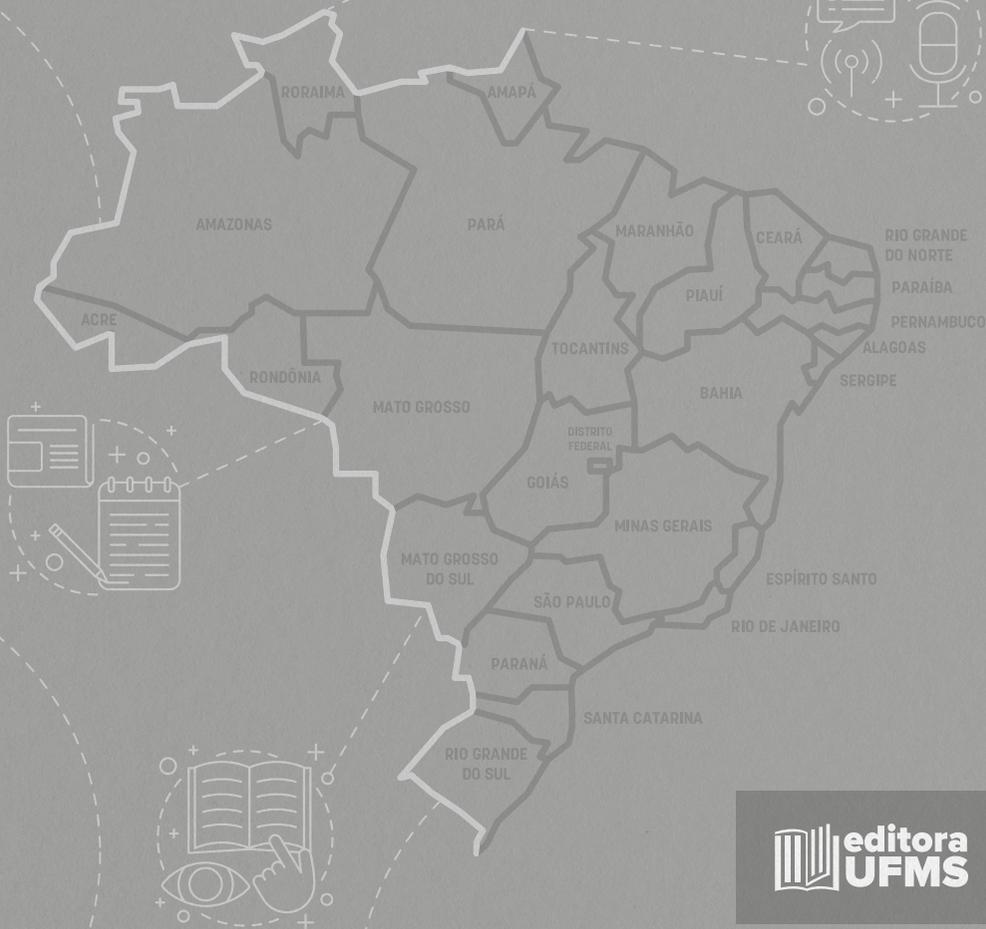
FRONTEIRAS CULTURAIS E PRÁTICAS COMUNICATIVAS



 editora
UFMS

ORGANIZADORES
Daniela Cristiane Ota
Marcos Paulo da Silva

FRONTEIRAS CULTURAIS E PRÁTICAS COMUNICATIVAS



 editora
UFMS

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS
RESOLUÇÃO Nº 176-COED/AGECOM/UFMS.
DE 23 DE FEVEREIRO DE 2023.

Conselho Editorial

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz

Andrés Batista Cheung

Alessandra Regina Borgo

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Elizabete Aparecida Marques

Fabio Oliveira Roque

Maria Lígia Rodrigues Macedo

William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Diretoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Fronteiras culturais e práticas comunicativas [recurso eletrônico] / organizadores: Daniela Cristiane Ota, Marcos Paulo da Silva. -- Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2023.
338 p. : il. (algumas color.).

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>
Inclui bibliografias.
ISBN 978-65-86943-89-4

1. Comunicação e cultura. 2. Comunicação – Aspectos sociais. 3. Relações culturais. I. Ota, Daniela Cristiane. II. Silva, Marcos Paulo da.

CDD (23) 302.2

Bibliotecário responsável: Jaziel V. Dorneles – CRB 1/2.592

ORGANIZADORES
Daniela Cristiane Ota
Marcos Paulo da Silva

FRONTEIRAS CULTURAIS E PRÁTICAS COMUNICATIVAS

Campo Grande - MS
2023



© **dos autores:**

Daniela Cristiane Ota
Marcos Paulo da Silva

1ª edição: 2023

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica

TIS Publicidade e Propaganda

Revisão

A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos para esta edição



Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário
Campo Grande - MS, 79070-900
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-65-86943-89-4

Versão digital: fevereiro de 2023



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais. br.creativecommons.org

MÍDIA E FRONTEIRAS: ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS FRONTEIRIÇAS PRESENTES NAS CAPAS DO JORNAL IMPRESSO A PLATEIA, DE SANTANA DO LIVRAMENTO-RIVERA¹

Karla Maria Müller
Jandré Corrêa Batista
Gesiel Rocha de Araújo

Apresentação

O presente capítulo tem por objetivo trazer elementos que compõem os primeiros aportes da pesquisa “Mídia e fronteiras: revisitando jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera² (após 20 anos)”, que está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Culturas, Política e Significações.

A proposta da pesquisa é visitar os espaços de fronteiras internacionais para compreender como a mídia impressa produzida em Santana do Livramento e Uruguaiana participa da construção da cultura e da identidade fronteiriças a partir da análise de como o fenômeno fronteiras é tratado pelos meios de comunicação locais. O primeiro estudo sobre o tema foi finalizado em 2003, cuja coleta do material foi

¹ Recorte da pesquisa em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), na Linha de Pesquisa “Cultura, políticas e significação”.

² Tratamos as fronteiras de Santana do Livramento com Riveira e Uruguaiana com Paso de Los Libres com a perspectiva de que aqueles espaços são interligados, tendo em vista que Livramento-Rivera é uma fronteira conurbada e Uruguaiana-Libres semi-conurbada.

realizada há 20 anos; ou seja, em 2000. O material da atual pesquisa é composto por exemplares dos periódicos *A Plateia*, de Santana do Livramento, e *Jornal Cidade*, de Uruguaiana, ambos produzidos em 2020. Ressaltamos que, para a discussão aqui trazida, nossa análise recairá somente sobre algumas edições de *A Plateia*.

Como ponto de partida, temos de considerar elementos relacionados ao contexto local e às práticas socioculturais dos agentes fronteiriços. Cabe destacar a peculiaridade do momento, isto é, um ambiente em que a pandemia da Covid-19 provocou uma série de alterações no espaço social e nas organizações, como as midiáticas, afetando diretamente a produção, circulação e consumo dos jornais impressos. Embora o evento seja recente, há estudos que demonstram como o ano 2020 foi emblemático para diversos setores, entre eles as empresas midiáticas:

A pandemia da Covid-19 não somente provocou mudanças à relação jornalismo-sociedade, como também à rotina de produção dos jornais e ao ritmo de trabalho dos profissionais da comunicação (...). O jornalismo impresso foi um dos segmentos que mais sofreu os impactos do cenário pandêmico, acentuando as dificuldades enfrentadas há certo tempo, ocasionando no fechamento de diversos periódicos e na migração de outros exclusivamente para o meio digital. (CAMPELO *et al*, 2020, p. 2).

Neste sentido, trazemos a seguir dados atuais sobre o espaço fronteiriço internacional, ou seja, Santana do Livramento-Rivera, informações sobre o grupo midiático *A Plateia* e observações sobre materiais publicados neste periódico no ano de 2020. Para esta discussão, nosso recorte ficará na interpretação das manchetes e chamadas estampadas nas capas do jornal local fronteiriço, cuja coleta foi realizada a partir dos parâmetros definidos na pesquisa de 20 anos atrás (MÜLLER, 2003).

Contexto fronteiriço: Santana do Livramento-Rivera

Com seu território ocupado inicialmente por índios minuanos e charruas, o atual município de Santana do Livramento, localizado no sudoeste do Rio Grande do Sul, teve origem por volta de 1910, quando um combate entre forças portuguesas e espanholas culminou com a vitória das primeiras. A partir de então, oficiais que permaneceram na região com a missão de resguardar a fronteira luso-espanhola começaram a levantar moradias, constituindo os primeiros núcleos habitacionais na localidade. Nomeada em referência à doação de uma imagem de Nossa Senhora de Santa Ana por uma fazendeira da região à igreja local, a cidade foi oficialmente fundada em 30 de julho de 1823, sendo elevada à categoria de município em 1857, emancipando-se do município de Alegrete IBGE (2021)³.

Conforme o IBGE (2021)⁴, a população estimada do município em 2021 é de 75.647 pessoas, num território de 6.946,407 km² (segundo maior do estado, atrás de Alegrete). Sua principal peculiaridade certamente está no fato de ser considerada uma cidade-gêmea com a uruguaia Rivera (capital do departamento de mesmo nome), formando uma contínua malha urbana ou conurbação binacional. Juntas, constituem uma população de cerca de 140 mil habitantes, sendo que, de acordo com o último censo realizado pelo *Instituto Nacional de Estadística (INE)*⁵ do Uruguai, em 2011 a população da cidade era de 64.465 habitantes. Tanto em textos científicos quanto em matérias jornalísticas, são comuns referências às duas localidades como “Fronteira da Paz”, que pode ser explicada pela análise realizada por Dorfman (2007, p. 78):

³ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santana-do-livramento/historico>. Acesso em: 02 out. 2021.

⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santana-do-livramento/panorama>. Acesso em: 02 out. 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.ine.gub.uy/web/guest/censos-2011>. Acesso em: 02 out. 2021.

A fronteira em questão é apresentada, tanto no senso comum como por muitos de seus estudiosos, como peculiar, particular ou especial, em comparação com outras fronteiras internacionais. Entre as razões para tal excepcionalidade listam-se: vínculos transfronteiriços intensos e cotidianos; o compartilhamento do centro urbano; a ausência de ascendência de uma cidade sobre a outra (como ocorre na fronteira México-EUA); o entrelaçamento da infra-estrutura (estradas, aeroporto, esgotos, saúde, educação, controle de fronteiras)... Analisando a(s) cidade(s) de Santana do Livramento-Rivera, N Schäffer (1993, p. 27) afirma que “a aparente escassez de um dado serviço em uma das cidades pode, simplesmente, significar oferta suficiente para todo o conjunto urbano no outro lado da linha”.

O principal marco dessa condição fronteira e símbolo de integração entre as duas comunidades é a Praça Internacional, inaugurada em 1943 no centro das duas cidades, compartilhada soberanamente em partes iguais por Brasil e Uruguai e considerada a única praça binacional do mundo. O espaço traduz a concepção de que, ao contrário do limite – linha imaginária acordada entre Estados nacionais e traçada em um mapa –, a fronteira é resultado da interação social, cultural e simbólica entre dois ou mais povos. É, como apontam Palermo e Ilha (2020, p. 226): “uma zona de contato e de troca, com muitas possibilidades. A fronteira não é produto de um acordo entre Estados e sim de uma construção histórico-social que se percebe como uma faixa territorial variável a ambos os lados dos limites”.

Encravada no Pampa Gaúcho, região natural e pastoril de planícies com coxilhas cobertas por campos e que ocupa cerca de 63% da área do Rio Grande do Sul (IBGE, 2012)⁶, Santana do Livramento tem sua economia baseada no comércio, na agricultura, na viticultura e,

⁶ Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/vegetacao/manual_vegetacao.shtm. Acesso em: 02 out. 2021.

sobretudo, na pecuária extensiva. Corroborou para isso o predomínio de grandes latifúndios dedicados à bovinocultura e à ovinocultura, e ainda, como descreve Leobeth (2018, p. 38), “a industrialização de carne, iniciada em 1904, quando dois uruguaios instalaram a primeira charqueada no município, foi a abertura para o apogeu econômico santanense, que viria a se solidificar com a chegada da companhia Armour, de Chicago, em 1917”.

Em 2020, com o alastramento da Covid-19, os governos federais, estaduais e municipais, de modo geral, foram obrigados a adotar medidas sanitárias restritivas à circulação de pessoas em nível mundial. No caso do Uruguai, a impossibilidade de cruzar as fronteiras internacionais e o fechamento temporário do comércio impactaram diretamente a vida dos habitantes fronteiriços nos espaços de Livramento-Rivera.

Em Santana do Livramento, ligada por uma rua e uma praça à Rivera, os habitantes locais, acostumados a abastecer suas residências com produtos de ambos os lados da fronteira, foram impedidos de seguir com esta prática, especialmente devido ao fechamento do comércio local, decretado pela administração pública tanto brasileira quanto uruguaia. Como aquela fronteira também é bastante procurada pelos turistas, levados até lá para fazerem compras nos *freshops* da cidade uruguaia, a crise foi sentida não só pela baixa nas compras como também no ramo da hotelaria, bares, restaurantes e empresas de ônibus e turismo, em especial as que trafegam entre a capital do estado do Rio Grande do Sul e se dirigem para aquelas cidades regularmente, e que tiveram muitas de suas viagens canceladas.

A pandemia causou muitas hospitalizações e perda de vidas em todos os lugares do mundo. Por meio de Comunicado Oficial da Prefeitura de Santana do Livramento (2021)⁷, no dia 19 de março de 2020 foi

⁷ Disponível em: <http://www.sdolivramento.com.br/index.php?page=conteudo.php&id=7558#>. Acesso em: 15 set. 2021.

informado a ocorrência do primeiro caso de Covid-19 no município e, em 14 de maio, a confirmação do primeiro óbito. Em 6 de julho, a Administração Municipal de Livramento apresentou um mapa do contágio no município que mostra a presença do vírus em áreas limítrofes com Rivera, o que preocupou autoridades, organizações e moradores locais.

Inseridos neste contexto, a empresa de comunicação que publica o principal jornal impresso da região precisou se reorganizar para enfrentar as dificuldades que já vinham surgindo em cidades interioranas e que se acirraram no ano de 2020. Foi preciso criar mecanismos para driblar os problemas causados pelo distanciamento social, resguardar as pessoas e lidar com as questões relativas à saúde pública, ocasionadas pela pandemia que assolou (e ainda está presente em) vários países.

Jornal A Plateia: (re)estruturação da organização e do veículo

A história do jornal *A Plateia*, de Santana do Livramento, remonta a 1937, quando foi fundado por Carlos Varela, pecuarista e então proprietário do cinema local, o que faz deste um dos impressos mais antigos ainda em circulação no Rio Grande do Sul (LEOBETH, 2018). Em 1999, o jornal foi adquirido pela família Brada e, desde então, está sob a direção de Antonio Badra e Kamal Badra. O Grupo *A Plateia*, como a empresa se autodenomina, é atualmente composto pelo jornal *A Plateia*, semanário que circula aos sábados; rádio *Rede Comunitária de Comunicação – RCC FM 95.3*; *TV A Plateia*, com programação transmitida pelo *Facebook* e *Youtube* e como canal de TV por assinatura; um provedor de internet; e o site de notícias⁸ que agrega todos os produtos do grupo, incluindo a versão digital das edições do impresso.

⁸ Disponível em: <http://www.aplateia.com.br/> Acesso em: 30 de setembro de 2022.

Nos últimos anos, a empresa inovou e modernizou sua estrutura com equipamentos e novas tecnologias de informação e comunicação, instalando-se num novo e amplo prédio e capacitando constantemente sua equipe. Com forte presença nas redes sociais e outros canais digitais, principalmente o *Facebook* e o *Youtube*, pode-se caracterizar atualmente o Grupo *A Plateia* como claro exemplo de crosmedialidade (transmissão da mesma mensagem em vários canais) e transmidialidade (transmissão de diferentes mensagens em vários canais, que se complementam). Por um lado, a empresa conta com parque gráfico próprio, responsável também pela impressão de vários jornais locais do sul do estado; por outro, a página *A Plateia* no *Facebook* possui mais de 230 mil seguidores (mais de três vezes a população de Livramento) e é alimentada continuamente por reportagens em vídeo e *lives*.

O jornalista Rodrigo Evaldt, editor-chefe do jornal e do site *A Plateia*, explica que todo o trabalho jornalístico nos quatro veículos é realizado de forma totalmente integrada pelos profissionais, ou seja, todos entrevistam e escrevem para o jornal e o site, gravam e apresentam programas na *Rádio RCC* e na *TV A Plateia* – estes últimos geralmente compartilham a mesma programação⁹. Do ponto de vista editorial, ele salienta que, além dos fatos cotidianos de Livramento e Rivera, o cerne da cobertura realizada pelos veículos é a área política, à qual são dedicados tempo e espaço expressivos em todos os formatos jornalísticos (artigos, colunas, notas, notícias, reportagens e entrevistas) e suportes midiáticos (texto, imagem e som). Sobre a relação impresso/digital, Evaldt avalia que:

O interior demorou um pouco mais para ingressar no imediatismo do jornalismo digital, pois as pessoas ainda gostam do jornal de papel. Por isso mantemos o jornal em sua versão impressa uma vez por sema-

⁹ Entrevista concedida a Gesiel Rocha de Araújo em 09 de outubro de 2019, na redação do jornal/site *A Plateia*, em Santana do Livramento.

na, mesmo em constante processo de migração para o digital, porque ele reflete a credibilidade construída ao longo das mais de oito décadas de história do veículo. Em tempos de constantes questionamentos sobre o que é fato e o que é fake, os veículos do Grupo A Plateia contam com a confiança das pessoas e o jornal impresso é um importante pilar da manutenção dessa credibilidade. (EVALDT, 2019, entrevista gravada).

O que torna *A Plateia* um veículo peculiar, no entanto, é certamente o fato de publicar em todas as suas edições uma seção em espanhol¹⁰, voltada especialmente aos moradores de Rivera – o que faz deste o único jornal bilíngue do Brasil. De acordo com Grimberg (2013), a proposta de *A Plateia {en español}* é cobrir os fatos que se passam no Departamento de Rivera e, dessa forma, abarcar o público uruguaio entre os leitores da publicação. A seção impressa representa, no entanto, apenas uma síntese do conteúdo produzido em espanhol para os demais veículos do grupo, cujo maior volume é disponibilizado no site¹¹ e na página no *Facebook*.

O jornalista uruguaio Washington Pereira, editor de *A Plateia {en español}*, explica que, embora diversos veículos apresentem seus conteúdos jornalísticos em dois ou três idiomas, o que torna *A Plateia* diferente é que o conteúdo em espanhol não é mera tradução das matérias em português, e sim uma produção própria das notícias do lado uruguaio¹². Conforme o editor, quando um fato envolve ou interessa

¹⁰ No ano de 2019 o caderno em espanhol era formado de quatro páginas; no início de 2020 o caderno possuía três páginas, passando ao final deste ano para duas páginas apenas.

¹¹ Disponível em: <http://www.aplateia.com.br/category/noticias/espanol/> Acesso em: 30 de setembro de 2022.

¹² Entrevista concedida a Gesiel Rocha de Araújo em 10 de outubro de 2019, na redação do jornal/site *A Plateia*, em Santana do Livramento.

a ambos os lados da fronteira, embora haja intercâmbio de informações entre repórteres, cada um produz a sua matéria, considerando o público ao qual o conteúdo é destinado e com fontes distintas de informação, com prioridade para fontes uruguaias no caso da seção em espanhol. Por conta disso,

A Plateia En Español é referência não só para a comunidade de Rivera, mas também em âmbito nacional, pois muitas notícias locais sobre fatos policiais e que envolvem autoridades públicas despertam o interesse de leitores em todo o Uruguai. Numa fronteira seca como Livramento-Rivera, as notícias policiais muitas vezes envolvem os dois lados, tornando-se conteúdo jornalístico ao mesmo tempo local e internacional e, por isso, ganham grande proporção e servem de fonte para veículos de abrangência nacional no Uruguai e estadual no Rio Grande do Sul. (PEREIRA, 2019, entrevista gravada).

Vários jornais sentiram os efeitos da pandemia Covid-19, especialmente no que se refere ao consumo da mídia impressa. No caso de *A Plateia*, chegaram a cogitar a suspensão da versão impressa, mas, depois de uma avaliação mais profunda, chegaram à conclusão de que isto determinaria o fim das edições impressas, o que levou o Grupo a manter, apesar das dificuldades, o periódico circulando, mesmo que somente uma vez por semana, atendendo uma demanda especialmente dos leitores mais antigos¹³.

Com relação às equipes, percebe-se que, com a ampliação de cursos superiores de Jornalismo no interior do estado do Rio Grande do Sul, houve uma alteração na formação do grupo de profissionais com relação a anos anteriores. Nos dias de hoje, é possível constatar

¹³ Informações concedidas em entrevista a Karla Maria Müller por Rodrigo Evaldt e Maria Zélia Safadi, em 26 de julho de 2021, na sede do Grupo A Plateia.

que há jornalistas formados (ou em formação) atuando no veículo; antes não havia essa representação qualificada.

Num movimento de sobrevivência constante, cabe aqui uma breve discussão sobre a atual situação dos jornais impressos, em especial os periódicos do interior, como veremos a seguir.

Jornalismo Interiorano: movimentos de (re)existência e (re)invenção

A relação de proximidade das audiências com os conteúdos jornalísticos, seja por referência geográfica e/ou identificação cultural, consiste em um dos elementos essenciais para o entendimento da lógica subjacente à produção das notícias. Junto com a noção de proximidade¹⁴, muitos outros critérios auxiliam na compreensão dos parâmetros profissionais para que um acontecimento alcance a condição privilegiada de noticiabilidade (SILVA, 2005; VIZEU, 2007; SEIXAS, 2018). Esse valor, no entanto, tem sido reconhecido de forma a sobrepor características consideradas, mesmo pelo senso comum, como fundamentais para uma notícia: a atualidade e a novidade de uma informação.

O valor jornalístico referente à proximidade conteúdo-audiência assume especial relevância em universos específicos de cobertura midiática e, de forma geral, no contexto comunicacional contemporâneo (CAMPONEZ, 2002; DORNELLES, 2010; 2012a; FERNANDES, 2004; FREIRE; FERNANDES, 2018). Identifica-se principalmente na abrangência geográfica e ideologicamente delimitada de veículos com

¹⁴ Fernandes (2004) identifica 70 elementos, entre os quais se destaca o valor de proximidade.

repercussão específica. Esse é o caso do Jornalismo Interiorano, justamente por ser voltado à produção noticiosa acerca dos caracteres e interesses particulares de suas audiências.

Esses jornais são dependentes, portanto, da relação de proximidade dos conteúdos com a realidade imediata de seus interlocutores. De outra forma, seria impraticável a concorrência com a imprensa de maiores alcances e dimensões: “Cabe aos jornais interioranos repercutir junto a seus públicos notícias que venham a ter consequências sobre a população local. Competir com a imprensa nacional e com jornais online é decretar a morte da publicação” (DORNELLES, 2010, p. 238-239).

Ademais, os recursos comunicacionais contemporâneos, ao contribuírem com a transformação da produção, do compartilhamento e do consumo de informações, favorecem o enquadramento local das notícias, conforme as reflexões de Dornelles (2010; 2012). A veiculação de notícias massivas, generalistas, referentes à pauta nacional, regional ou internacional, deixa de ter a mesma relevância às audiências, em razão do fácil acesso à informação por múltiplos meios online. O enquadramento “local”, mesmo em veículos de maiores abrangências que os jornais interioranos, passa também a ter outra relevância. Essa sincronia entre Jornalismo Interiorano e tecnologias de comunicação e informação, ambos voltados ao localismo, pode indicar novas perspectivas e transformações profissionais, conforme apontam Dornelles (2010; 2012) e Fernandes (2004).

Historicamente, diversas construções acadêmicas buscam tipologias para compreender o modo de fazer jornalístico (ver, por exemplo, a compilação de SILVA, 2005). As respostas às perguntas “Por que as notícias são como são?” e “O que são notícias?” (TRAQUINA, 2020) mobilizam esforços para compreender os critérios profissionais à concepção de uma notícia. Frequência, intensidade, clareza/compre-

ensão, significado/proximidade, consonância, surpresa, continuidade, composição e referência a pessoas e elites são algumas das categorizações descritivas sobre os valores profissionais, para lembrar a construção clássica de Galtung e Ruge (1965).

Nessas sistematizações teóricas, mesmo antes do atual contexto das tecnologias de comunicação e informação, o valor de proximidade, de alguma forma, tem sido recorrentemente considerado. Muitas vezes, aponta-se para o seu protagonismo como critério para a definição do que deve ou não ser notícia. Nessa perspectiva, as reflexões de Camponez (2002) e Dornelles (2010; 2012) e o levantamento bibliográfico de Fernandes (2004) posicionam o valor-notícia referente à proximidade como principal elemento na rede de subjetividades que envolvem a atividade profissional. Conforme essas discussões teóricas, o critério de proximidade está à frente, portanto, da reconhecida e necessária atualidade à produção da notícia.

Embora inserido em outro contexto comunicacional, Teun van Dijk (1990, p. 180) já entendia a “proximidade local e ideológica” como elemento transversal aos demais valores jornalísticos. A “proximidade ideológica”, para o autor, está relacionada com as normas, atitudes e valores socialmente compartilhados. Esses elementos compõem, nessa tipologia, o valor de “consonância” das práticas jornalísticas. Já a “proximidade local” refere-se ao valor de relevância e ao de conhecimento prévio das audiências (denominado “pressuposição”, segundo a sua taxonomia).

Assim, o domínio de informações sobre os acontecimentos de uma realidade social (a “pressuposição”) confere o contorno necessário para o juízo de atualidade e de novidade à notícia (outros dois valores essenciais). Portanto, embora não se explicita uma avaliação hierárquica entre os critérios jornalísticos, a tipologia de van Dijk insere a noção de proximidade como central na sua rede de conexões entre os

demais valores profissionais. Mesmo a percepção sobre a atualidade e a novidade de uma informação expressa em uma notícia, segundo esse modelo, só será efetiva se a “pressuposição” dos conteúdos for possível pela relação de proximidade com os conteúdos.

Essa dependência, além dos critérios de consonância, também se aplica aos valores de pressuposição e relevância. As mensagens jornalísticas que se dedicam mais detidamente à noção de proximidade com os seus públicos, conforme o autor, são mais pertinentes e alcançam maior nível de compreensão, pois tratam sobre acontecimentos imediatos às suas audiências:

El valor de la proximidad local e ideológica de los acontecimientos periodísticos puede inferirse de los diferentes criterios (...). Los mensajes de los medios sobre acontecimientos cercanos se comprenden mejor debido a que se basan en modelos más completos y más asequibles. En segundo lugar, esa noticia puede ser más relevante debido a que puede proporcionar información necesaria para la interacción directa o para otras actividades cognitivas y sociales. Los acontecimientos cercanos también proporcionan mejores temas para contar historias en la conversación cotidiana. (VAN DIJK, 1990, p. 180).

Jornais que atuam no ambiente de fronteira possuem comumente diversas particularidades em relação às lógicas de empresas jornalísticas sediadas em espaços metropolitanos. Esse contexto geográfico, a depender de suas características políticas e econômicas no quadro de referência nacional, insere-se na dinâmica de silenciamento predominante das empresas jornalísticas centradas nas capitais e/ou grandes centros urbanos (BATISTA; CORRÊA, 2010). Assim, a fronteira recebe normalmente a atenção prioritária e necessária de jornais de pequeno e médio porte. Esses veículos possuem diversas especificidades: a sua base territorial de cobertura e circulação, a linguagem,

o público, os critérios de noticiabilidade, entre outras características e práticas que se relacionam intimamente com a noção de Jornalismo Interiorano.

Para refletir sobre as particularidades dos jornais interioranos, Assis (2013) preocupa-se em delimitar o conceito de “interior” aplicado à pesquisa na área. Defende o afastamento, com base nas particularidades do objeto, aos termos “regional” e “local” para as qualificações de imprensa, jornal e jornalismo. A utilização da nomenclatura revela, segundo o autor, a problematização científica acerca de práticas profissionais, rotinas, produtos, em cidades de pequeno e médio porte, em contextos com algum grau de afastamento às capitais e/ou grandes centros: “Debater a realidade da imprensa em contextos interioranos não é o mesmo que tratar sobre o local e sobre o regional, ainda que essas questões sejam tangenciais e significativas” (ASSIS, 2013, p. 15).

O Jornalismo Interiorano, então, segundo o autor, é definido por uma condição particular: pela negação às capitais e às regiões metropolitanas, conseqüentemente à proximidade com audiências específicas, de alguma forma afastadas desse espaço de cobertura. “Jornalismo Interiorano”, nessa perspectiva, não se confunde necessariamente com o Jornalismo local e regional. Os enfoques jornalísticos locais e regionais também podem reportar-se às pautas de interesse geograficamente delimitado em periódicos cuja atuação dá-se em espaços mais amplos ou centrais no âmbito de referência nacional ou internacional.

As pesquisas de Dornelles (2010; 2012) projetam perspectivas otimistas, com base nas experiências portuguesas, para o Jornalismo Interiorano em razão das transformações das tecnologias de comunicação e informação. Entende a autora, conforme discutido, que a facilidade de divulgação de informações/notícias favoreceu o “localismo”. Conseqüentemente, as demandas por informação local de qualidade tenderiam à expansão. A sua leitura de contexto é a emergência da re-

levância da informação local (bairro urbano, pequena comunidade ou cidade de pequeno porte) – antes relegada a espaço marginal – em face do quadro de concorrência das empresas jornalísticas situadas em regiões metropolitanas.

Assim, segundo a autora, o Jornalismo Interiorano revela-se um campo de mercado em expansão: o “mercado da proximidade”. Ademais, considera o conteúdo desses veículos mais pluralista e representativo. O acesso à rede mundial de computadores, em sua visão, tende, dessa forma, a ampliar a participação dos leitores e exigir qualificação no trabalho da imprensa, como na cobrança por imparcialidade nas coberturas.

Especificamente quanto ao formato impresso, segundo Dornelles (2012b), em entrevista concedida recentemente ao Observatório da Imprensa, “os jornais impressos do interior sobreviverão por mais tempo do que os localizados nas grandes cidades e nas capitais” (LOBATO, 2019). Para a pesquisadora, este movimento deve ser maior no sul do Brasil, pois o clima mais frio somado aos hábitos culturais e à maior escolaridade da população constituem-se em fatores que estimulam a leitura.

Como participante do Ciclo de Debates Online, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em 29 de junho de 2020, cujo tema foi “O impacto da pandemia nos jornais impressos”, Dornelles (2020) destaca que leitores e assinantes com idade superior a 55 anos constituem o público que está forçando as empresas jornalísticas a permanecerem produzindo os jornais no formato impresso. Salienta ainda que, segundo sua visão, os jornais online estão, em muitos casos, sustentando as versões impressas. Com relação à análise sobre o jornal impresso, Rey (2007, p. 15) enfatiza:

O jornalismo impresso atual está vinculado diretamente à questão mercadológica, de produto em si, e não apenas de um produto que se pereniza junto a um público específico, ou mais geral. Na atualidade ocorre a formatação do público leitor, como ocorreu nas décadas anteriores. Os jornais modificam-se gráfica e editorialmente, modificam sua linguagem, na busca de novos “targets”, de um público, e de novos públicos, o público-alvo. É o pressuposto da sobrevivência. Esgota-se um público, busca-se outro. É a descoberta dos nichos de mercado.

Percebe-se que, embora as observações acima tenham sido tecidas em 2007, esta realidade pode ser vista no periódico analisado e a situação delicada por que passam as empresas jornalísticas, em decorrência das consequências da pandemia, reforçou este momento da mídia impressa interiorana, como podemos observar na organização midiática analisada em nosso estudo.

Procedimentos: métodos e técnicas empregados

Assim como ocorreu na pesquisa de Müller (2003), a metodologia empregada no atual estudo tem como base a Hermenêutica de Profundidade (HP), defendida por John Thompson (1995) como uma análise interpretativa. Neste sentido, torna-se fundamental partir da interpretação da *doxa* da vida cotidiana, com o objetivo de construir um panorama sobre os movimentos realizados pelos agentes locais, seus fazeres e dizeres. Essa etapa está baseada em observações, debates de pesquisadores e estudiosos em geral, discussões de conceitos e posicionamentos que podemos denominar de Pesquisa Bibliográfica (STUMPF, 2009).

Esta fundamentação também passa pela consulta a documentos (MOREIRA, 2009) e instituições fidedignas que trazem informações

sobre a composição das comunidades analisadas, os movimentos e as práticas socioculturais do homem do lugar, incluindo dados sobre a economia, a cultura, as ações políticas e a sociedade como um todo. É igualmente nesta etapa que elaboramos a discussão teórica da investigação em curso que dará sustentação para os argumentos a serem levantados na Análise Formal ou Discursiva para a qual acionaremos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), cujas lentes auxiliarão a (re) interpretar os textos publicados no jornal fronteiriço *A Plateia*, última etapa do processo analítico realizado no exercício aqui apresentado.

Tendo em vista que a escolha do material a ser analisado recai sobre um jornal impresso do interior do estado do Rio Grande do Sul, podemos dizer que esta investigação se enquadra no *status* de Estudo de Caso (YIN, 2001, p. 27), acionado como um método qualitativo que tem a “capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações”.

O material coletado do jornal impresso produzido na cidade fronteiriça brasileira e em circulação em Santana do Livramento-Rivera, publicado em 2000, tinha como referência datas significativas em nível nacional e comemorativas no Brasil. Com a modificação nas edições impressas de *A Plateia*, de Santana do Livramento, atualmente com apenas uma publicação semanal, correspondente ao final de semana (sábado/domingo), optamos por selecionar as edições publicadas nas datas mais próximas às analisadas na pesquisa anterior, com a preocupação de selecionar pelo menos uma edição mensal publicada no ano 2020, para posteriormente definir o *corpus* de análise especificamente. Ao todo, são 19 edições de *A Plateia* que integram o *corpus* de análise da pesquisa, na busca de verificar a cobertura jornalística das datas comemorativas mais importantes para a comunidade.

Cabe destacar que o veículo possui sua versão digital, mas nosso interesse recai sobre a publicação impressa, no intuito de, entre outros

fatores, discutir a manutenção desta mídia em tempos de avanços constantes pela busca de informações via rede mundial de computadores.

Para este texto, optamos em analisar somente as capas, pois, por um lado, este exercício dá início ao processo analítico do material coletado; por outro, este espaço do jornal localiza o ambiente para trazer indicativos ao leitor por meio de sua apresentação como veículo, isto é, na definição de quais notícias merecem ser estampadas na primeira página do periódico:

A primeira página de um jornal pode informar sobre seus objetivos e sobre a maneira como cada diário se posiciona política, cultural e socialmente. Diz muito sobre o jornal como um todo, refletindo escolhas feitas pelos editores acerca das informações que consideram mais importantes no dia. (MEDEIROS; RAMALHO; MASSARANI, 2010, p. 440).

Nas capas dos jornais são empregados diversos elementos capazes de chamar a atenção do leitor; um convite para que busque nas páginas subsequentes as informações que mereceram ênfase desta mídia. Além da escolha das palavras que passarão a compor as manchetes e as chamadas, “pode-se afirmar que não é aleatória a escolha das imagens para compor a capa de jornal escolhida” (DIAS; FERREIRA, 2018, p. 417).

Não raras vezes, o jornal configura-se em registro histórico dos acontecimentos para uma comunidade, por isso, numa primeira leitura, a capa do periódico pode dizer quais os fatos mais importantes que ocorreram em determinada época:

Um dos principais elementos dos jornais impressos é a primeira página. Por meio desta, pode-se resumir e adiantar o posicionamento do veículo nas diversas áreas da sociedade – como na cobertura de eventos históricos – assim como seus objetivos, que podem

ser questionados, desde a relação com os valores-notícia escolhidos até a sua imparcialidade e escolha de aspectos visuais. (CAMPELO *et al*, 2020, p. 2).

Complementando estes argumentos, podemos ressaltar que: “A manchete ou título deve atrair a atenção e dar uma ideia geral dos fatos. Mas sobretudo, anunciar o fato, resumir a notícia e embelezar a página” (LUSTOSA, 1996, p. 148). Com relação às chamadas, este autor destaca que “são os textos elaborados para a primeira página dos jornais que objetivam despertar o interesse do leitor para as informações mais completas que são editadas nas páginas internas” (LUSTOSA, 1996, p. 153).

Após as explicações básicas sobre os passos que definiram a metodologia empregada, passaremos à discussão sobre as marcas da fronteira e dos fronteiriços que estão presentes nas capas de algumas edições impressas de *A Plateia*, publicadas no ano de 2020.

Exercício de análise: a fronteira e os fronteiriços nas capas do jornal impresso local

O tratamento dado à fronteira pelo jornal *A Plateia*, de acordo com as capas das edições analisadas, expressa uma dimensão inclusiva em termos jornalísticos e linguísticos aos que também compartilham daquele espaço, mas que formalmente não se caracterizam como nacionais/brasileiros/as. Das 19 edições conjuntas que compõem o *corpus* em análise, apresenta-se em 15 um quadro destinado a chamadas especificamente sobre os acontecimentos situados na vizinha Rivera.

Essas seções, denominadas “*A Plateia {en español}*”, são produzidas com redação no outro idioma espontaneamente em fluxo naquele ambiente. Esse posicionamento editorial, ao assumir uma audiência mais ampla e diversa explicitamente na área de maior visibilidade do

periódico (a capa), contribui com a noção de uma identidade compartilhada entre Rivera e Santana do Livramento; consequentemente, entre Brasil e Uruguai.

Utilizando-se do recurso fotográfico, *A Plateia* estampa na sua capa fotos coloridas. É recorrente a utilização de uma fotografia maior, que acompanha a manchete principal, seguida de outras imagens menores, relacionadas às demais chamadas. Com o slogan “À frente do seu tempo”, presente muitas vezes ao lado do logo de *A Plateia* a partir do segundo semestre de 2020, e com marcas simbolizando a adesão da empresa a campanhas institucionais (como os laços rosa, em outubro, e azul, em novembro), o jornal já se apresenta como uma empresa que pensa no futuro e compartilha de iniciativas e ações sociais ligadas à comunidade.

Embora as chamadas “pertinentes” à Rivera sejam concebidas em um recorte específico do periódico, o fluxo de notícias demonstra que aquela realidade social e as suas audiências não são passíveis de segmentação (a consideração da importância noticiosa de “*A Plateia {en español}*” varia de edições sem destaque a aproximadamente 1/3 a 1/12 da área da página). A ideia de divisão na capa entre os/as “de dentro” e os/as “de fora” em relação ao quadro nem sempre se sustenta na organização das notícias, pois, logicamente, o ambiente compartilhado pressupõe interesses em comum.

O próprio exercício cotidiano do jornalismo de *A Plateia* tende a desconstruir a separação de públicos produzida pelas escolhas editoriais na diagramação. Nessa perspectiva, a edição conjunta de 6 e 7 de setembro de 2020, embora traga o espaço típico em língua espanhola, produz outras duas chamadas no espaço geral da capa (em língua portuguesa) com referência a Rivera.

De forma semelhante, a capa de 21 e 22 de novembro de 2020 traz em destaque a participação do governador do Rio Grande do Sul

na posse do “intendente” de Rivera. O cargo uruguaio citado é referente à principal função do Poder Executivo Departamental de Rivera (cuja capital é a cidade de mesmo nome), nomeado após eleições diretas. A relação de proximidade/significação com os públicos e o conhecimento comum das dinâmicas políticas no Uruguai dispensam outras denominações ou esclarecimentos. Esse valor de proximidade também é identificado pelo predomínio de pautas prontamente pertinentes às audiências imediatas, sem buscar enquadramentos generalistas de veículos de imprensa de maiores abrangências.

O enquadramento jornalístico de *A Plateia* à fronteira, de um lado, revela construções positivas ao ambiente de integração. Uma das chamadas da edição de 6 e 7 de junho de 2020 denomina a relação entre Rivera e Santana do Livramento como “cidades gêmeas de fronteira”. O periódico manifesta, dessa forma, uma representação biológica, genética, embrionária, acompanhada de noções de proximidade e igualdade. Outro destaque, em 16 e 17 de maio de 2020, refere-se a “plano binacional” e a “dois lados da Fronteira da Paz”. A valorização da segunda expressão, amplamente conhecida, revela a ideia de uma convivência em harmonia, ao mesmo tempo em que marca uma separação geográfica (os dois lados). A caracterização de fronteira (“da paz”) também sugere uma diferenciação, o que insinua possivelmente o contraste local de expectativa e realidade em comparação às demais fronteiras, tornando-a “especial” (o que está em consonância com as reflexões de Dorfman, 2007). Na edição de 27 e 28 de junho de 2020, também está marcada a referência à fronteira como objeto de integração e cooperação na área da saúde.

O jornal *A Plateia* também traz, por outro lado, conotações negativas sobre o ambiente de fronteira. Menções a Rivera e ao Uruguai também são dispostas fora do espaço *A Plateia* {en español} quando há conteúdo referente à prática de crimes. Na edição de 5 e 6 de dezembro

de 2020, a “fronteira” ganha a manchete: é o local de cometimento de crime. A chamada secundária de 15 e 16 de fevereiro de 2020 sugere Rivera como espaço de fuga ou esconderijo de suspeito de assassinato praticado em “Livramento”. Já na edição de 7 e 8 de março de 2020, chamada com tipografia em cor vermelha (em tamanho, só menor que a manchete), cita-se o Uruguai como espaço de trânsito para a prática de tráfico de drogas por parte de “homem morto pela brigada”.

Nessa linha, o quadro “*A Plateia {en español}*”, de 23 e 24 de maio de 2020, destaca a fiscalização na passagem entre Santana do Livramento e Rivera com a referência, em espanhol, a “frontera segura”. A fronteira, assim, é representada como um espaço essencialmente temerário, se não contar com a devida intervenção do poder de coerção do Estado. De forma geral, do total de 15 capas com o quadro “*A Plateia {en español}*”, oito repercutem conteúdos relacionados à prática de crimes e à operação de forças de segurança, o que pode sugerir o posicionamento “do outro” (Rivera), em certa medida, como espaço negativo.

Outro ponto de distinção é a adoção de “santanenses”, nas edições conjuntas de 27 e 28 de junho e 19 e 20 de setembro de 2020, para designar a população circunscrita, pelo suposto local de nascimento. Essa representação, embora menos frequente, favorece a afirmação de uma identidade baseada na negação (pela suposta origem). Opõe-se, assim, às demais construções voltadas à integração e à identidade compartilhada.

Considerações

Por meio da discussão teórica e da análise realizadas, verificase que, apesar dos tempos difíceis por que passam diversas organizações, entre estas as midiáticas, o periódico analisado – *A Plateia* – segue

sobrevivendo às mazelas econômicas, sociais e políticas do cotidiano. O jornal, embora elabore somente uma edição na semana, como publicação de final de semana, entende a importância que representa para a comunidade local.

Mesmo que o jornal trate de temáticas regionais ou nacionais, com destaque para as notícias do interior, há a preocupação em relatar os fatos da comunidade na qual está inserido, incluindo os habitantes “daqui” e os de “lá”. Com relação ao jornal *A Plateia*, o primeiro movimento de inclusão dos riverenses à comunidade local passa pelo caderno “*A Plateia {en español}*” cuja chamada está presente em muitas das capas analisadas, com foto da cidade vizinha e seus moradores, texto em espanhol, noticiando acontecimentos pertinentes ao município uruguaio, sua comunidade e cidadãos (mesmo que estes sejam “doble chapa”, isto é, com dupla cidadania – uruguaia e brasileira), sejam eles moradores de Livramento ou Rivera.

Assim como foi possível observar na pesquisa iniciada em 1999, concluída em 2003 e já citada (cuja coleta foi realizada de exemplares de edições do ano de 2000), verifica-se que a interação da comunidade analisada após 20 anos é inevitável. Embora nem sempre esteja claramente e consciente presente no dia a dia de seus sujeitos, há, o que se pode dizer, uma naturalização da presença do outro em muitos momentos da vida cotidiana. Isto fica evidenciado nas manchetes e capas dos jornais agora analisados de *A Plateia*. No caso do jornal impresso de Livramento-Rivera, a presença do outro e a incorporação do espaço como “a fronteira da paz” novamente é possível de ser observado.

Outro aspecto reforçado na pesquisa atual diz respeito às constantes manchetes e chamadas sobre fatos ligados ao tráfico e ao descaminho, temática recorrente nos espaços fronteiriços, mas tratados com o intuito de demonstrar que estas ações devem ser combatidas com veemência pelas autoridades de ambos os lados. Verifica-se, mais uma

vez, que a fronteira e os fronteiriços estão presentes nas manchetes e chamadas de capa do jornal *A Plateia*, isto é, o espaço conurbado com o país vizinho e seus agentes fazem parte dos acontecimentos locais. O que ocorre na comunidade é noticiado pelo periódico que, com dificuldades, segue resistindo, mantendo sua edição impressa.

Sendo um ambiente de articulação e tensão, as capas de *A Plateia* trazem informações nem sempre positivas, mas que retratam a vida no dia a dia como qualquer comunidade: temas como política, cultura, esporte, educação, economia, trânsito, polícia e, no caso do ano de 2020, saúde pública. O destaque ficou por conta da Covid-19, seus reflexos e ações realizadas conjuntamente para combater a pandemia em nível binacional. Caso contrário, não haveria como agir no sentido de resguardar a comunidade santanense-riverense de modo amplo, com a complexidade que o espaço exige.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de Assis (ed.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.

A PLATEIA. **Sobre A Plateia**. Santana do Livramento (RS). Disponível em: <http://www.plateia.com.br/elementor-783/>. Acesso em: 16 jul. 2021.

BATISTA, Jandré Corrêa; CORRÊA, Anelize Maximila. A notícia no contexto do Mercosul: Um estudo de caso da referencialidade Brasil-Uruguai na mídia online. Niterói, UFF: **CiberLegenda**, n. 23, p. 84-98, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAMPELO, Elaine Inocêncio; LEITE, Igor Tiago Batista; ARRUDA, Jaciela Nayara Cordeiro de; RODRIGUES, Luiz Felipe Bolis; SILVA, Nicolý; SILVA, Luiz Custódio da. A primeira página em foco: análise de capas de jornais impressos da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte. Salvador: In: **Anais do 43º Congresso da INTERCOM – virtual**. 01 a 10/10/2020 (p.01-16).

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: Minerva, 2002.

DIAS, Jaciluz; FERREIRA, Helena Maria. Uma análise do gênero capa de jornal: uma leitura dos (não)ditos no Dia Internacional da Mulher à luz da gramática do design visual. **Linha Mestra**: Campinas: Unicamp. n. 36, set-dez/2018, p. 414-417.

DORFMAN, Adriana. Fronteira e contrabando em Santana do Livramento (BR)-Rivera (UY). Porto Alegre, UFRGS: **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 32, n. 1, 2007.

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais do interior. Rio de Janeiro, UERJ: **Revista Intratextos**, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012.

DORNELLES, Beatriz. **O impacto da pandemia nos jornais impressos**. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/56Mik-oIrLc>. Acesso em: 7 abr. 2021.

DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do interior. Porto Alegre, PUC/RS: **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 17, n. 3, p. 237-243, 2010.

FERNANDES, Mario Luiz. A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade. Araçatuba: **Anais do IX Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**, p. 01-17, 2004.

FREIRE, Débora; FERNANDES, David. Proximidade como valor-notícia na repercussão de fake news pela imprensa. Lisboa, SOPCOM: **Revista Estudos de Jornalismo**, v. 1, p. 26-43, 2018.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. **Journal of peace research**, v. 2, n. 1, p. 64-90, Thousand Oaks, 1965.

GRIMBERG, Daniela de Seixas. Mídia localista na fronteira entre Brasil e Uruguai: a experiência bilíngue do Jornal A Platéia. Manaus, UFAM: **Revista Geonorte**. v. 4, n. 12, p. 1126-1139, 2013.

LEOBETH, Thaís. **O rural na mídia impressa local fronteiriça**: diferentes formas de abordagem. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

LOBATO, Elvira. **Professora prevê maior longevidade para jornais do interior**. São Paulo: Observatório da Imprensa. Online. 07/maio/2019. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia/professora-preve-maior-longevidade-para-jornais-do-interior/>. Acesso em: 08 abr. 2021.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: EUB, 1996.

MEDEIROS, Flávia N. da Silva; RAMALHO, Marina; MASSARANI, Luisa. A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros. **História, Ciência, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro. v. 17, n.2, abr-jun. 2010, p.439-454.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

MÜLLER, Karla Maria. **Mídia e fronteira**: jornais locais em Urugaiana-Libres e Livramento-Rivera. Fevereiro, 26, 2003. 362f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2003.

PALERMO, Eduardo Ramon; ILHA, Andréa Hamilton. A Praça Internacional: a fronteira urbana como território compartilhado. Porto Alegre, UFRGS: **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 47, n. 1, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO. **Comunicado**: confirmado primeiro caso de Coronavírus no Município, Santana de Livramento, 19 de março de 2020. Disponível em: <http://www.sdolivramento.com.br/index.php?page=conteudo.php&id=7558#>. Acesso em: 15 set. 2021.

REY, Luiz Roberto Saviani. Jornal Impresso e Pós-Modernidade: o Projeto Ruth Clark e a espetacularização da notícia. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos, 2007.

SEIXAS, Lia. Valores notícia: uma proposta de análise. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, Palmas, 2018, p. 334-366.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 2, n. 1, p. 95-107, Florianópolis, UFSC, 2005.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2020.

VAN DIJK, Teun A. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.

VIZEU, Alfredo. O newsmaking e o trabalho de campo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.